

LUIZE VALENTE

UMA PRAÇA
EM ANTUÉRPIA

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2015

Nota histórica

Em junho de 1940, a cidade de Bordeaux foi cenário de acontecimentos cruciais para a Segunda Guerra Mundial. Foi para lá que o governo francês fugiu depois da ocupação de Paris pelos nazistas, foi lá que o Marechal Pétain anunciou oficialmente a rendição a favor da Alemanha. Em meio à descrença e ao conformismo de uma Europa acuada pelo rolo compressor do Terceiro Reich, foi também em Bordeaux que um cônsul português não cedeu ao medo e desafiou as ordens do ditador António Salazar. Aristides Sousa Mendes foi protagonista da que é considerada, por muitos, a maior ação de salvamento empreendida por uma só pessoa durante a Segunda Guerra. Depois de ficar trancado por dias em seu escritório, rezam os testemunhos que Sousa Mendes surgiu com o cabelo estranhamente embranquecido e foi então que decidiu emitir, à revelia do governo, e sem burocracia, vistos de trânsito para Portugal — o número é incerto, estima-se em torno de trinta mil — para judeus e não judeus em fuga do nazismo. O ato lhe valeu o afastamento da carreira diplomática, a morte na miséria, sem jamais ter sido reconhecido, em vida, pelas milhares de vidas que salvou do Holocausto.

Esta é uma obra de ficção que tem como pano de fundo estes e outros fatos históricos do século XX.

PRÓLOGO

**Rio de Janeiro,
1º de janeiro de 2000**

O céu cinzento e a chuva fina escondiam os raios de sol do primeiro dia do novo ano, quase novo milênio. O mundo não tinha acabado. Um grito ou outro na rua, a cantoria e as risadas na volta para casa, copos, latas e garrafas de champanhe encostados no meio-fio eram o máximo da desordem naquele sábado pós-réveillon em Copacabana.

Do alto de seus oitenta e três anos, do alto de sua cobertura, no lugar mais cobiçado para acompanhar a virada, Olívia sentia-se pequena. Eram seis da manhã e ela não tinha pregado o olho. Pouco depois das duas da madrugada ela fora para o quarto, dando o sinal mudo de que era hora de todos partirem. Vinte minutos depois, a neta entrara no quarto e Olívia manteve os olhos fechados. Instantes depois, o barulho dos copos recolhidos e o clique da porta foram a senha para que se levantasse e fosse para a varanda, e ali continuou até o dia amanhecer.

Lembrava-se que, no momento exato da virada, quis que o mundo acabasse. O champanhe foi estourado como despedida do ano, despedida do filho. Beberam em meio à troca de saudações triviais de feliz ano-novo e a palavras vazias que acompanham os

momentos de profunda tristeza. Nos últimos vinte anos — desde que Olívia se mudara para a cobertura do anexo do hotel mais glamouroso da cidade —, o apartamento vinha sendo o ponto de encontro da família nos fins de ano.

À medida que se aproximava o fim do milênio, cresciam as expectativas e apostas sobre o réveillon da virada. Olívia jamais pensara que passaria dos oitenta para ver aquele dia. Muito menos que Luiz Felipe não estaria ali.

A urna com as cinzas descansava sobre o aparador, ao lado da fotografia dele, ainda bebê, com o pai, Antonio. Em alguns minutos, cumpriria seu último desejo.

— Vovó, a senhora tem certeza de que quer ir? — A pergunta do neto mais velho foi seguida de silêncio. Ele insistiu: — Vó, de repente a gente deixa o dia clarear, vamos de manhã, vai ser mais tranquilo.

Olívia acariciou a urna e respondeu com um sorriso firme nos lábios.

— Tom, você lembra como seu pai se negava a ver os fogos aqui de cima? Vinte para a meia-noite e lá ia ele com a garrafa de champagne, os copos de plástico... “Feliz ano-novo, mãe, que o lugar deste português é lá embaixo, no mar de gente!” Pois é para lá que nós vamos. Agora!

Agora, Olívia permanecia ali, sentada na varanda, no primeiro dia do ano. O mundo tinha acabado, sim — não é justo ver um filho morrer sem poder fazer nada.

Ela pegou a foto que costumava levar sempre junto ao peito. Olhou, então, demoradamente, a mulher, o homem, a criança.

Nem ouviu o ruído da porta abrindo, nem os passos leves no tapete. Tita, a neta, que também se chamava Olívia, entrara devagar. Ela também não tinha pregado o olho a noite toda.

Não era a morte do tio que tirava o sono de Tita, era a morte do sonho. Por que para algumas mulheres engravidar era tão difícil?

Tita perdera o primeiro bebê, depois o segundo e agora o terceiro. Mantivera a gravidez em segredo já prevendo o fracasso. Só a

avó sabia. Tita precisava contar para ela, precisava dividir sua dor, embora soubesse que estava sendo egoísta. A avó acabara de perder o filho. Ela também.

A neta sentou-se. Olívia encostou a cabeça no ombro dela. Descansou o peso das oito décadas. Tita sentiu-se envergonhada. No fundo, tinha ido até ali para chorar, para desabafar a perda. Talvez fosse hora de olhar o mundo sem se colocar no centro dele. Foram segundos de silêncio, as duas olhando para o horizonte. A avó foi a primeira a falar.

— Você perdeu o bebê, não é? — disse, sem encarar a neta, que assentiu com a cabeça. — Eu também perdi um bebê — sussurrou, enquanto passava os dedos pela fotografia, como se, dessa forma, pudesse alcançar a criança.

Foi só nesse momento que a fotografia amarelada e gasta nas mãos de Olívia chamou a atenção de Tita. Ela reconheceu a avó, ainda jovem. Estava grávida, provavelmente de sua mãe. Mas não reconheceu o homem ao lado dela, nem o menino no colo. Quem eram? Que lugar era aquele? Uma praça numa cidade europeia qualquer, com certeza não era Lisboa — cidade de onde a avó viera.

No verso, as palavras em um idioma que ela não conhecia.

Antwerpen, Familie Zus, Verjaardag Bernardo, drie jaar, 4 februari 1940.

Tirou a fotografia das mãos da avó, que não ofereceu resistência. Mantinha o olhar fixo, como se estivesse preso a um ponto muito distante, em um lugar que só ela conhecia.

— Vó, quem é este homem? E esta criança? — A voz saiu baixa e temerosa.

A avó repetiu em português as palavras escritas em flamengo.

— Antuérpia, família Zus, aniversário de três anos de Bernardo, 4 de fevereiro de 1940.

Em seguida, levantou-se. Fez sinal para que a neta esperasse. Instantes depois, voltou com outra fotografia, da mesma época. Tita reconheceu a avó, o avô Antonio, que morrera antes mesmo de sua mãe nascer, e o tio Luiz Felipe ainda pequeno.

Olívia colocou as duas fotografias lado a lado. Depois de um breve silêncio, voltou-se para a neta e apontou primeiro para a que lhe era familiar.

— Aqui está Antonio, em Portugal, pouco antes de vir para o Brasil, com Luiz Felipe... ainda bebê. Eu cumpri o prometido e cuidei dele até o último momento, amei-o mais do que minha própria carne. Pedi tanto que o câncer dele fosse meu, que me levasse e não me fizesse sentir tudo de novo!

Tita ouvia incrédula. A avó pegou, então, a outra fotografia e falou alternando o olhar do retrato para a neta.

— Este é Theodor, quanta saudade... — Fez uma pausa, que mais parecia uma prece, ao olhar o homem alto e magro, para então escorregar os dedos sobre o rosto do menino. — E este é Bernardo, que eu não esqueço um minuto que seja.

Tita fez menção de falar, mas foi interrompida. A voz da avó saiu embargada, ao mesmo tempo que apontava para a mulher grávida ao lado de Theodor.

— Esta sou eu, esperando Helena, sua mãe. — E, em seguida, apontou para a mulher da outra fotografia, que parecia ser ela também. — E esta é Olívia... minha irmã gêmea. Eu sou Clarice.

OLÍVIA E CLARICE

1

Norte de Portugal, 1916

Manuel levantou-se com as estrelas ainda no céu. Tinha mais um dia duro pela frente e, em breve, mais uma boca para alimentar. Seria pai pela primeira vez e a qualquer momento, prevenira a parreira. A vida corria certa, no trilho.

Ele se casara com Josefina, a mulher que amava. O bebê seria o primeiro de uma grande prole. Era o início da colheita das uvas. Prometia ser boa, a melhor em anos. O tempo definitivamente tinha colaborado. Um inverno rigoroso, seguido de um verão com muito sol e um começo de outono sem chuva. O que mais se podia querer? Os cachos gordos, maduros, estavam prontos para a colheita.

A quinta ficava nos arredores de São Lourenço de Sande, no município de Guimarães. A construção em granito fora erguida pelo pai. Cada pedra da casa tinha uma gota de suor do velho Joaquim. A casa de dois andares ficava no centro do terreno, cercada pelas parreiras. Uma a uma plantadas por Joaquim.

Quando Manuel nasceu, a mãe passava dos trinta, e Joaquim dos quarenta. A criança ter vingado era um milagre depois de tantos bebês perdidos. O menino cresceu, virou um homem forte, de mãos grandes e calejadas que não fugiam da enxada. O solo seco e

poroso da quinta era uma benção para as videiras. As panturrilhas musculosas carregavam os pés largos e achatados de tanto esmagar as uvas na piscina de pedra.

Agora, tudo aquilo seria do filho, ou da filha. Era incrível a esperança que tomava conta do casal. Apesar de a Alemanha ter declarado guerra a Portugal, e de o Parlamento ter aprovado a entrada no confronto, Manuel tranquilizava a esposa. Ele não seria convocado, as batalhas se davam longe do território português e tinham alimentos suficientes estocados para vários invernos e verões. Josefina acariciava o rosto dele. Ela amava aquele homem forte, tosco, de mais ação que palavras. Ele vivia em um mundo de regras próprias. O mundo era a quinta. O território de dentro da casa era chefiado por Josefina, o de fora, por Manuel. Os dois comandantes respeitavam as fronteiras.

Enquanto Josefina temia pelo futuro do bebê a caminho, por uma guerra recém-declarada, pelos que seriam obrigados a lutar e a morrer sem convicção, pelos que passariam fome, Manuel amassava as uvas. Nada poderia quebrar, desestruturar a ordem com que ditava a vida. Se, na mais improvável das hipóteses, Portugal fosse invadido, ele poria as tropas alemãs para correr com seu exército de um homem só. Manuel só não estava preparado para a tragédia que aconteceria em seguida.

2

Josefina não teve forças para abrir os olhos, mas esboçou um sorriso e apertou a mão do marido quando ele levantou da cama ainda com o dia escuro. Manuel acariciou o rosto dela, beijou-lhe a testa e sorriu de volta. Ela não viu, mas sentiu o sorriso dele, já estava embalada no sonho.

Um sonho daqueles que, a princípio, trazem conforto e vontade de não voltar. Josefina já não tem mais a barriga, Manuel amassa as uvas, duas meninas correm pela quinta, correm em direções opostas. Ela não se preocupa porque estão ao alcance da vista. O céu é azul, sem nenhuma nuvem. Ela aproveita ao máximo a sensação de ter todos ali. Subitamente percebe que já é mãe. Serão as meninas suas filhas? De repente, sente um pingo, seguido de outro. Corre, mas não há onde se proteger. Os pingos são vermelhos. Os pingos são vermelhos de sangue. Ela não vê mais as meninas. Manuel espreme as uvas e delas sai o mesmo vermelho de sangue. Ela grita por Manuel. Grita com toda a força.

Josefina abriu os olhos. O corpo estava encharcado.

— Tudo vai ficar bem, minha querida. O doutor está a caminho
— Manuel disse, em meio ao abraço.

As palavras saíram sem convicção. Fora tudo muito rápido. Os gritos no quarto, a correria escada acima, a agonia de Josefina. O menino, filho da criada que contratara para ajudar a esposa quando

a barriga já atrapalhava os cuidados da casa, brincava entre as parreiras. Da janela mesmo gritara.

— Voa até a vila e traz o doutor, é caso de vida ou morte... e diz à tua mãe para vir aqui!

O garoto partiu em disparada. Em segundos, a criada estava no quarto. Desapareceu e voltou em seguida trazendo uma bacia com água e muitos panos. Foi nesse momento que Josefina viu o sangue. Os pingos do sonho cobriram a cama de vermelho. Ela gritou. Não era sonho, as meninas desapareceram de sua vista. Tudo ficou subitamente escuro.

Josefina estava pálida, os lábios arroxeados, os olhos fechados. O médico entrou no quarto e pegou o pulso. Não foi preciso dizer nada. Ela estava morta.

— Temos de salvar a criança! — o doutor gritou, enquanto sacava um bisturi da maleta. Não era a primeira cesariana que fazia, mas nunca antes numa mulher sem vida.

Fez o corte longitudinal, rápido e preciso. Em menos de um minuto, tirou o bebê. Quem pegou a criança foi o garoto. Manuel já havia deixado o quarto. Não amaria aquela criança. Iria dar-lhe seu nome, alimentá-la, educá-la, mas amor era algo que tinha secado dentro dele.

O médico suava frio, as gotas escorriam pela lateral do rosto. Mal teve tempo de pegar o lenço. Havia outro bebê ali. Assim como a irmã, a segunda menina soltou o choro forte e alto. A sutura foi feita com todo o cuidado. Por um breve instante, lhe pareceu que Josefina sorria.

E assim Clarice e Olívia vieram ao mundo. Primeiro Olívia, depois Clarice. Ou teria sido primeiro Clarice e depois Olívia? Eram apenas as gêmeas, chamadas pelas cores das roupas que usavam. A de amarelo, a de branco. Ganharam nome quando a avó materna, que morava na cidade da Guarda, na região da Beira Alta, chegou, dois dias depois do nascimento. Mal teve tempo de chorar a filha única. Dava dó ver as meninas berrando de fome, aos cuidados de uma criada sem intimidade com a casa. Tinha arranjado às pressas

uma ama de leite, mas não era suficiente para os dois pequeninos seres ávidos de vida.

Manuel se trancou no quarto no momento em que ouviu o médico gritar que tinha de salvar a criança. Para ele, Josefina é que tinha de ser salva, era ela que ele amava desde sempre. Filhos eram consequência, a ordem natural das coisas. Josefina era a escolha, a vida a dois, a vida eterna. E não uma, mas duas crianças. Por causa delas sua mulher tinha morrido. Por mais que quisesse ou tentasse, jamais amaria aquelas meninas.

Dona Bernarda, uma sogra bem lúcida, pensou de imediato. O genro era um homem trabalhador, correto, viúvo jovem com duas recém-nascidas. Não faltariam pretendentes. Ela sentia pela filha, mas era o que tinha de ser. Manuel se casaria novamente, com uma mulher quase menina, provavelmente virgem, que criaria as gêmeas como se fossem dela e daria continuidade à prole. Ele logo deixaria o quarto e o luto.

Passados dez dias, Manuel permanecia em silêncio. Trabalhava de sol a sol, sem dizer uma palavra, comia pouco e dormia cedo. Não foi ao enterro nem à missa de sétimo dia. Sequer olhava os bebês, que diria tocá-los. Era como se não existissem. Nem do choro reclamava. Foi quando a sogra, num misto de impaciência e raiva, foi direto ao assunto.

— Manuel, escuta, tu perdeste a esposa, eu perdi minha filha querida. Não podemos fazer nada. Mas estas crianças estão aqui, e também perderam a mãe. Elas precisam do pai, elas precisam de um nome! — exclamou, enquanto apertava as mãos do genro.

Manuel levantou os olhos. Não havia lágrimas, apenas um vazio salpicado de tristeza e desânimo.

— Pois dê a senhora o nome às meninas, porque, se for eu a fazê-lo, os nomes hão de ser dor e infelicidade. — Levantou-se e deixou a sala rumo às parreiras.

A sogra respirou fundo e segurou o choro. Voltaria à Guarda para fechar a casa e mudar-se de vez para a quinta. Era viúva e, a partir de agora, só tinha às meninas, e as meninas a ela. Seriam

suas filhas, lhes daria todo amor que tivesse e que viesse a ter. Escolheu os nomes, sem pensar muito. Nomes de que a filha gostava: Clarice e Olívia.

A avó cumpriu a promessa. As meninas foram crescendo sob asas enérgicas e, ao mesmo tempo, amorosas. Mal viam o pai, que, se por um lado as ignorava, por outro não lhes deixava faltar nada. Sentavam-se juntos durante as refeições, única exigência de dona Bernarda. Ele chegava calado, comia, os olhos sempre baixos, jamais encarava as filhas. Apenas uma vez foi ríspido. Num almoço de domingo — teria sido Clarice ou Olívia? —, uma delas tentou tocar o vasto bigode que lhe cobria o lábio superior. Manuel afastou rapidamente a pequenina mão e gritou para que jamais o tocassem. Não importava se foi Clarice ou Olívia, o fato é que as duas cumpriram a ordem à risca. Tinham pouco mais de cinco anos. Naquele dia perceberam que, além de não terem mãe, também não tinham pai. E o que importava, se afinal a avó valia por todos?

A vida seguiu assim até perto dos treze anos, quando de fato perderam Manuel. Morreu dormindo, sorrindo. Ia encontrar sua Josefina. Ao verem o semblante do pai tão sereno e alegre, Clarice e Olívia soltaram uma gargalhada. Pela primeira vez, beijaram o pai, beijaram muitas vezes, e também o abraçaram. Ele agora ficaria em paz e feliz.

Norte de Portugal, 1933

A morte de Manuel, quatro anos antes, mudara a rotina da quinta. Dona Bernarda assumiu as funções do genro, tendo como braço direito a criada, que, depois de todos aqueles anos, recebia os carinhos de filha e o amor das meninas. Lina era uma mulher de traços finos e belos, mas tinha um defeito no quadril que fazia com que puxasse de uma perna. A vida toda fora chamada de Manquinha. O apelido criou uma couraça, um muro em torno do corpo pequenino mas nada frágil. A deficiência física era uma seqüela na alma, que se traduzia no ar carrancudo.

Casou-se aos dezesseis anos com um homem vinte e cinco anos mais velho, primo da mãe. Do casamento arranjado nasceu Antonio. O marido era um bom homem, mas sem nenhuma ambição. Morreu quando Antonio tinha onze anos. Deixou quase nada para a mulher e o filho, mas o suficiente para Lina pôr literalmente o pé na estrada e partir do ensolarado Algarve para o norte de Portugal. Ia começar vida nova.

Escolheu Guimarães a esmo, porque ali havia nascido Portugal. Mal chegou à cidade, filho numa mão e mala na outra, deparou-se com Josefina e a enorme barriga. Foi empatia à primeira vista.

Josefina era uma mulher cheia de vitalidade, o combustível de que Lina precisava para recomeçar. No mesmo dia, ganhou o emprego na quinta; em seguida a patroa morreu, e Lina viu-se atada àquela família mais destrozada que a dela. De lá só saiu no verão de 1933, direto para o cemitério. Foi enterrada no mesmo jazigo de Josefina e Manuel.

Lina foi uma mãe para as meninas. Embora a deficiência física a impedisse de correr entre as parreiras e brincar nas árvores, era ela quem contava as histórias para dormir, penteava os cabelos e espantava os fantasmas dos pesadelos noturnos. Aos poucos, o ar carancudo foi dando lugar aos sorrisos. No fim da vida, era fácil vê-la gargalhar.

A quinta também fora o melhor lugar para criar Antonio. Se Manuel ignorava as gêmeas, o menino passou a ser, para ele, o único elo com o mundo. Nos primeiros meses depois da morte de Josefina, ensinou-lhe tudo sobre as uvas. Antonio foi um aluno exemplar, um menino dedicado. Acordava com o dia escuro, trabalhava sem cansar. Tornou-se um rapaz musculoso, bonito, que tinha os traços da mãe, porém sem a marca de seus sofrimentos. Manuel era o pai que ele não teve, mas não era aquele o futuro que queria. Antonio tinha outro temperamento. Era divertido, corajoso, gostava de aprender. Queria ser grande, conhecer o mundo. Tinha muito respeito por Manuel, mas não era isso que o prendia à quinta. Era algo maior, e justamente este algo, que anos depois se revelaria, é que o levou a partir para Lisboa logo após a morte do patrão.

Dona Bernarda, a princípio, fechou a cara e, por semanas, atazanou Lina, que escutava sem revidar, afinal os argumentos tinham lógica. Apesar de ter colocado um amigo, que conhecia o trabalho tanto quanto ele, para cuidar da quinta, não deixava de ser um abandono.

— Lina, tu sabes que te tenho como uma filha e ao Antonio como um neto. Mas isso é traição pior que a de Judas. Manuel ensinou tudo a esse menino, e agora ele abandona-nos! Se este saco de

ossos — falava apontando o próprio corpo — não é digno de consideração, que ao menos a tivesse por ti, que és mãe dele, ou pelas meninas, que ele viu nascer! — e saía esbravejando pela casa.

Se Lina tinha uma qualidade, era a de não julgar as pessoas. O filho partia por alguma razão e, um dia, todos viriam a saber. Ela nunca soube. Antonio voltou à quinta, quatro anos depois, para enterrar a mãe e notar que nada havia mudado, só aumentado. Olívia agora era uma mulher, tinha dezessete anos, e ele a amava mais do que nunca. Era por Olívia que ele tinha partido.

Era um daqueles amores que só pareciam possíveis nos livros. Antonio amou Olívia desde o primeiro momento em que a viu. Viu-a ser tirada pelo médico, minutos antes de Clarice. Foi o primeiro a ouvir seu choro, a segurá-la, a ver os olhos abrirem. Costumava contar às meninas a história do nascimento como um romance de aventura que sempre terminava com a afirmação de que Olívia nascera primeiro que Clarice. Como ele podia afirmar, perguntavam. Afinal se nem Lina nem o médico sabiam dizê-lo, como aquele rapaz, que na época era um menino, era tão categórico? A resposta era sempre a mesma: “Sei porque sei!” A verdadeira resposta viria anos depois: “Sei porque jamais tirei os olhos de Olívia desde o primeiro instante em que a vi.”

Durante dezessete anos guardou o segredo. Fora para Lisboa, quatro anos antes, logo após a morte de Manuel, numa tentativa desesperada de esquecer aquele amor que o consumia. Olívia tinha treze anos; ele, vinte e quatro. As meninas o viam como o irmão mais velho. Ele tinha namoradas na vila, uma atrás da outra, e amantes também. As mulheres o satisfiziam sexualmente e só. Jamais tivera qualquer pensamento perverso, pecaminoso com Olívia. Ela era uma criança, mas estava se tornando uma mulher. Por isso ele fora embora.

Agora, quatro anos depois, Antonio regressava. Com ele vinha todo o sentimento. Como se nunca tivesse partido. No período em Lisboa, trabalhou duro. Encontrou o que queria fazer. O comércio lhe agradava. Seria rico, ganharia o mundo e voltaria à quinta, bem-

-sucedido, para pedir a mão de Olívia. Acabara de abrir uma pequena venda na capital portuguesa.

O ano era 1933. O país vivia sob as rédeas do temido António Salazar. A nova Constituição, recém-aprovada, selava a implantação do Estado Novo, legitimando um regime autoritário e repressivo que se estenderia por quatro décadas.

Antonio passava longe da política. Salazar era apenas alguém com o mesmo nome próprio que ele. Os amigos mais engajados olhavam com receio o panorama que se formava. Totalitarismo, fim dos partidos, muito poder na mão de um só homem. As notícias do restante da Europa também preocupavam. Na Itália, *Il Duce* Benito Mussolini permanecia, sozinho, à frente do governo e do Partido Nacional Fascista. Na Alemanha, um outro ditador, austríaco naturalizado, chegava ao poder. Adolf Hitler tornava-se primeiro-ministro do país.

Mas o que tudo isso tinha a ver com Antonio e os planos de um futuro próspero e feliz ao lado de Olívia? Nem no mais improvável dos delírios ele poderia imaginar que o futuro de sua família seria marcado, para sempre, pela ascensão do Terceiro Reich.

4

Antonio pouco mudara desde que deixara a quinta, quatro anos antes. Talvez uma certa seriedade no olhar, consequência da responsabilidade do trabalho, mais do que do passar dos anos. No entanto, a pequena mudança o colocava no rol dos homens, mais que bonitos, interessantes. Era viril. Os braços continuavam musculosos e sobressaíam sob a camisa branca que ele dobrara no antebraço, depois de tirar a gravata e afrouxar o colarinho. Segurava displicentemente com o dedo indicador o terno jogado nas costas.

Olívia não conseguia desviar os olhos dele. O que acontecera naqueles últimos anos que tinham transformado Antonio no homem mais belo do mundo?, ela pensava enquanto baixava os olhos e fingia secar uma lágrima com o lenço. Teria de falar com ele cedo ou tarde. Conseguira fugir durante o enterro, agora não dava mais. Ele caminhava em sua direção. Olhou para os lados, não havia ninguém, apenas ela.

Os olhos se cruzaram e ficaram. Olívia era praticamente uma menina quando Antonio deixou a quinta. Houve uma época, quando as gêmeas ainda eram pequenas, em que Olívia teve raiva daquele menino que roubava as atenções do pai. No entanto, era tão protetor e cuidadoso, que tanto Olívia quanto Clarice passaram a adorá-lo. Era a referência masculina no lugar do pai ausente.

Agora Olívia via Antonio com olhos limpos de passado, olhos de mulher. Isso a fazia corar. Quanto mais ele se aproximava, mais o calor lhe subia pelo corpo, até tomar as maçãs do rosto.

— Olívia! — foi a única palavra que saiu da boca de Antonio.

O coração acelerado, nada mudara. A distância e o passar dos anos só tinham aumentado o que ele sentia por Olívia. Tornou-se o homem mais feliz do mundo quando, naquela troca de olhares, sentiu que era correspondido.

Depois desse reencontro foi tudo muito rápido. Não se passaram seis meses, e a quinta reviveu momentos de alegria como não acontecia desde o anúncio da gravidez de Josefina, dezoito anos antes. O casamento de Antonio e Olívia ocorreu no começo de 1934. A lua de mel foi em Lisboa, na casa de onde Olívia saíria, seis anos depois, rumo a Bordeaux, para não mais voltar.

Clarice, por sua vez, continuou na quinta, ao lado da avó. Foi uma separação dolorosa. As irmãs nunca tinham passado um dia sequer longe uma da outra. Dona Bernarda bem que tentara convencer Antonio a tocar a quinta, afinal agora aquele também era seu patrimônio. Mas ele tinha planos mais ambiciosos. O pequeno comércio estava indo bem em Lisboa e, em breve, iria expandi-lo para o Brasil. Compraria uma casa no novíssimo bairro do Arco do Cego, e outra no Estoril, para as férias de verão. A quinta não era para ele.

Prometeu a dona Bernarda que cuidaria de Olívia, dando-lhe sempre o melhor, e que viria à quinta com mais frequência para olhar pelo negócio. Não chegou a cumprir a segunda promessa. Nem oito meses após o casamento, a avó morreu de infarto. Antonio e Olívia voltaram uma única vez, para enterrar dona Bernarda e tratar da venda da propriedade. As irmãs se reencontraram e juraram nunca mais se separar. Clarice seguiu com o casal para Lisboa. Fecharam o portão sem olhar para trás.

Lisboa, 1936

No começo, Clarice estranhou a vida em Lisboa. Estava acostumada ao verde da quinta, à liberdade de correr descalça, às tardes de leitura à sombra de uma árvore. Sentia uma enorme falta da avó. Estava sozinha no mundo. Por mais que tivesse Olívia e as juras de jamais se separarem, a orfandade pesava como nunca.

A irmã tinha encontrado um amor de verdade, como o do pai pela mãe. Era a força dessa paixão, contada e recontada pela avó, que fazia com que as gêmeas, à medida que cresciam, tivessem mais pena do que raiva de Manuel. Ainda pequenas, escutavam da avó a história de que o bebê fora gerado com tanto amor, mas tanto amor, que só um coração não bastaria. Por isso se dividiu em dois, e nasceram duas meninas.

Clarice ficava feliz por Olívia, mas temia que talvez não pudesse ter a mesma sorte da irmã. Existiriam outros Antonios no mundo? A venda da quinta rendera menos do que imaginavam. Havia dívidas que dona Bernarda contraía, e ainda impostos atrasados. O que sobrou deu para quitar a casa em Lisboa. Ainda não era a casa dos sonhos, mas agora era deles. Clarice cedeu a parte na herança para a irmã. Antonio aceitou com a promessa de pagar cada centa-

vo, com juros. A Europa em crise, hiperinflação — dinheiro guardado não valia nada mesmo.

O continente ainda sofria as consequências da quebra da Bolsa de Nova York. A crise atingira democracias como a Inglaterra e a França e fortalecera o nacionalismo na Alemanha, na Itália e em Portugal. Uma série de governos ditatoriais tomou conta do continente, da Hungria à Grécia. O funil se estreitava. Faltava emprego, sobrava descontentamento. Menos de duas décadas depois do fim da Grande Guerra, o mundo parecia caminhar para outra batalha.

Muitos dos clientes que frequentavam a venda de Antonio reve-renciavam Salazar e o progresso que trazia para a Lisboa da época. Os que apoiavam o regime tiveram, em 1936, um ano de glória. Entre os mais assíduos estava o Fagundes, sujeito escorregadio que chefiava uma repartição na vizinhança. Dizia-se, à boca pequena, que ele vivia mesmo era de denunciar comunistas e anarquistas para a polícia política. Vez por outra, caía em uma discussão acalorada com algum freguês que ali passava para um trago. Coincidência ou acaso, quem discutia com ele nunca mais era visto. No ano de 1936, foram quase duas mil e oitocentas prisões de ativistas contrários ao regime, com a colaboração de centenas de Fagundes que viam como gaviões à procura de carniça.

Por isso, Antonio — que não se envolvia em política — redobrava a atenção quando o Fagundes chegava. Recebia-o com um sorriso largo e servil, tapinha nas costas e uma porção reforçada de tremoços. O melhor era se fazer de estúpido.

No final de julho, Fagundes entrou na venda exultante. Balançava o jornal, lendo em voz alta a manchete. A guerra na Espanha estourara havia dez dias. O general Franco invadira o país com as tropas que estavam no Marrocos.

— Esses arruaceiros estão com os dias contados! — bradou o Fagundes. — Escutem só: “O exército espanhol varrendo os comunistas.” A voz da imprensa não mente! Eu sabia! O general Franco vai acabar com essa corja! Antonio, manda uma rodada por minha conta! Vamos beber esses comunas desgraçados!

Antonio serviu a bagaceira nos copos pequenos e os distribuiu no balcão. O general Franco tinha o apoio de Portugal, da Alemanha e da Itália, mas não deixava de ser um confronto armado num país vizinho. Não deixava de ser uma guerra, e as lembranças da última ainda estavam frescas na memória.

Para Antonio, o negócio estava seguro. As pessoas podiam economizar no lazer, mas jamais na comida... e na bebida. Apesar de raramente beber uma gota de álcool, ele tinha uma mina de ouro nos fundos da loja. Os anos de aprendizado com Manuel não haviam sido em vão. Apuraram-lhe o nariz e as papilas gustativas. Antonio sabia como ninguém reconhecer o melhor dos vinhos baratos, que ele armazenava nos tonéis envelhecidos, trazidos da quinta, e vendia por um preço bem maior. O lucro era o passaporte para o Brasil. Em dois ou três anos, conseguiria finalmente partir para o Novo Mundo. Podia não se envolver nas discussões acaloradas nas mesas da venda, mas não precisava ter uma mente brilhante para saber que a Europa via pela frente vacas mais magras do que gordas.

Já Clarice e Olívia, nos seus vinte anos, viviam a típica alienação dos que são criados em redomas. Com a mudança para Lisboa, sentiam saudades do presunto curtido que chegava da Espanha, mais difícil de conseguir na capital do que no Norte, mais perto da fronteira. O resto era um mundo de países que ficavam muito longe. Sonhavam, sim, conhecer, um dia, Paris. Já Alemanha e Áustria eram berço dos grandes nomes da música clássica. Bach, Beethoven, Brahms, Schubert, Mozart. Desde pequenas, ouviam as sinfonias no velho gramofone que a avó arrancava de dentro do armário quando o pai saía em alguma viagem pelas redondezas. A única proibição na quinta era a música. Música era a alma de Josefina, pianista apaixonada. No dia de sua morte, mesmo dia do nascimento das gêmeas, o piano foi fechado e trancado no sótão. Manuel carregava a chave no peito, como um amuleto. Quando encontraram seu corpo, já frio e rígido na cama, trazia a chave apertada nos dedos. Foi enterrada com ele.

As meninas jamais puderam tocar um instrumento, o que entristecia dona Bernarda. No entanto, nada as impedia de ouvir música. E foi através da música que elas aprenderam a conhecer e amar a mãe.

Foi também a música que arrastou Clarice, num fim de tarde, quatro meses antes de a guerra civil estourar na Espanha, para um café escondido numa rua estreita de Lisboa.

6

Clarice nunca havia ido ao Bairro Alto, um dos mais antigos da capital. Antonio mandara fazer uns cartões numa tipografia e não tinha tempo para ir buscá-los, nem quem o pudesse fazer. Clarice se ofereceu. Ele aceitou com ressalvas.

— Minha cunhada, deixo-te ir com a promessa de que voltas antes do anoitecer. Não é lugar para uma moça de família depois que as estrelas aparecem — disse, enquanto rabiscava o endereço numa folha parda de papel.

Clarice prendeu o chapéu nos cabelos cortados na altura do ombro, pegou a bolsa e deu um beijo na irmã.

— Não te preocupes! Há muito quero ir lá! Os fados, minha irmã, os fados! — E saiu correndo, mal deixando tempo para a resposta de Olívia.

Desde que chegara a Lisboa, Clarice gostava de passear pelas ruas da capital, que, com seus seiscentos e cinquenta mil habitantes, parecia a maior metrópole do mundo se comparada ao povoado de São Lourenço de Sande. Com as contas públicas sanadas sob o rígido regime salazarista, a cidade crescia com a influência do *art déco* e do modernismo europeu. O concreto substituíra as construções de ferro e madeira. A estátua do Marquês de Pombal, que dava início à Avenida da Liberdade, havia sido inaugurada dois anos antes, tornando-se um marco imponente da capital. Novos cinemas

foram construídos para receber os filmes mais comentados. O governo promovia exposições, peças, livros, tudo que apoiasse o projeto político de Salazar. Lisboa ascendia ao patamar das grandes capitais europeias.

Clarice gostava de caminhar pela Avenida da Liberdade e seguir até o Hotel Avenida, nos arredores. Um dia se hospedaria ali, dizia para si mesma. Agora, finalmente, conheceria o Bairro Alto, com suas calçadas de pedra e construções centenárias. Também ali ficavam as sedes dos grandes jornais. Certamente o clima de redação dava o ar boêmio ao local, onde se reuniam jornalistas, escritores, artistas e estudantes. À noite, surgiam os marinheiros e das ruelas estreitas brotavam prostitutas. O bairro era o cenário perfeito para a máxima expressão da música portuguesa, o fado.

Foi atrás daquele som de lamúria, daquela música que saía das entranhas, que Clarice entrou no Bairro Alto. Depois de pegar os cartões do cunhado, partiu sem rumo, à procura de uma casa de fado. Andou por quase duas horas, sentou-se para um refresco, folheou um jornal, desviou os olhares de homens com sapatos bicolores e bigodinho fino. O tempo passava e não havia sinal de uma taverna de onde saísse um fio de voz que fosse.

A tarde começava a cair e logo viria a noite. Ela precisava voltar para casa. Não seria dessa vez que ouviria um fado genuíno, sozinha, como gostaria. Nessas horas, invejava as mulheres que tinham coragem de desafiar os homens e não se intimidavam. Acendiam um cigarro, bebiam um Porto, usavam roupas insinuantes e rebatiam as investidas masculinas. A Clarice restaria convencer o cunhado, que achava fado coisa de desocupado — “a vida real já é bem miserável de dia para se perder a noite escutando chora-deira!”, era como se ouvisse a voz dele atazanando seus ouvidos —, a subir o Bairro Alto numa noite de sábado. Era mais fácil um burro voar.

Foi em meio aos pensamentos pessimistas, à frustração de uma tarde perdida, que Clarice se viu subitamente no fim de uma ruela sem saída, de frente para uma taverna espremida entre dois sobra-

dos, de onde, pela porta entreaberta, escorregavam as notas de um piano. Não era o fado que ela tanto queria ouvir, era algo muito mais belo. Schubert, momento musical número dois. A música preferida da mãe, acordes que Clarice trazia da memória do útero. Empurrou a porta e desceu as escadas. Ela renascia.

Clarice desceu os quase trinta degraus de lado, encostada à parede. O lugar era pouco iluminado. Demorou alguns segundos para se adaptar à luz do cair da tarde que entrava por duas pequenas janelas, na altura da rua. Era um porão quadrado, com um balcão de bar à esquerda, copos pendurados, seis ou sete mesas, com pouquíssimo espaço entre elas. Ao fundo, um estrado de madeira que funcionava como palco. Era de lá que vinha o som de Schubert. O pianista estava de perfil para a escada, tão concentrado que não percebeu a chegada de Clarice.

Ela tirou os sapatos, para não fazer barulho, e pisou de leve no chão frio, deslizando até a mesa mais próxima. Sentou-se e fechou os olhos. A música entrava-lhe por todos os poros. Era a mais bela interpretação que já ouvira. Tocada com tanta leveza que parecia que as teclas se moviam sozinhas. A intensidade aumentava e diminuía. As lágrimas escorriam-lhe pela face. Clarice poderia morrer naquele instante. Não existia mais nada, apenas as notas que tomavam cada milímetro do ar. Ela respirava a música.

Os olhos permaneceram fechados mesmo quando o silêncio encheu o porão úmido. Clarice não soube precisar quanto tempo se passou até que abrisse as pálpebras e desse de cara com dois enormes olhos azuis, que a encaravam, acompanhados de um sorriso cerrado.

— Desculpe, não pude resistir, é a minha música preferida... e o senhor a toca de forma tão esplêndida! — suspirou, desconcertada, enquanto arrumava os cabelos e baixava o rosto para fugir daqueles olhos que invadiam sua alma.

— Senhor? Eu não sou tão velho assim... É uma honra ter ouvinte tão bela, que se emociona com Schubert, como eu! — E rapidamente esticou a mão para cumprimentá-la. — Theodor Zus, humilde pianista ao seu dispor!

Ela estendeu a mão, que ele beijou.

— Clarice Braga, que meteu o nariz onde não foi convidada — respondeu, com uma reverência de cabeça e um sorriso largo que deixava as covinhas à mostra.

Mais do que as feições, o sotaque carregado demonstrava que ele não era português. Tinha cabelos escuros, despenteados, e pele branca levemente bronzeada. O porte era elegante, mas não atlético. Um homem mais das artes do que dos esportes. Clarice também era uma mulher que chamava a atenção. Era alta acima da média, mais de um metro e setenta, cabelos ondulados, na altura dos ombros, olhos de um castanho esverdeado, e magra, com músculos delineados. Tinha os braços e as panturrilhas bem definidos. Pelo porte poderia se supor que fosse bailarina. A infância saudável na quinta, pisando nas uvas, correndo no campo, dera saúde e vigor às gêmeas.

Os dois ficaram em silêncio por alguns minutos. Theodor tirou um maço do bolso do paletó e ofereceu um cigarro, que Clarice recusou — ela nunca tinha fumado. Ele acendeu e deu uma longa tragada.

— Posso oferecer uma bebida? — disse, apontando para o balcão do bar.

— Já é tarde! Tenho de ir para casa — respondeu, enquanto calçava apressadamente os sapatos, já levantando-se da mesa.

Theodor levantou-se junto e tocou no braço dela. Era um homem alto, beirando um metro e noventa.

— Espere, por que tão cedo? Daqui a pouco é que começa a festa! Isto aqui enche de boa música! Levo-a depois, não tenha medo!
— A resposta veio como uma súplica.

— Não posso ficar, minha família está à minha espera, a esta hora já devia estar em casa! Foi um prazer conhecê-lo. — As palavras saíram tímidas e trêmulas.

— Diga-me, ao menos, onde mora, venha me ver novamente! Tocarei o que a senhorita quiser — ele rebateu.

Theodor não queria deixá-la partir. Clarice também não queria ir, mas, a esta altura, o cunhado e a irmã deviam estar subindo pelas paredes de preocupação. Ela, então, pegou um dos cartões do pacote que Antonio mandara fazer e o entregou ao pianista.

— Aqui tem o endereço da venda do meu cunhado. Moramos em frente! — exclamou, enquanto largava o cartão na mesa e subia, apressada, as escadas.

Continuou correndo para pegar o bonde e seguir para casa. Algo tinha mudado dentro dela para sempre.

Rio de Janeiro,
1º de janeiro de 2000

Tita havia preparado um café bem forte. Era a única forma de encarar aquela história, que parecia um enredo de filme, contada pela protagonista, que, por acaso, era sua avó — portanto, sua própria história. Aquilo era real. A história de Tita até os trinta e quatro anos é que soava como ficção. Quem era Olívia, a matriarca, de quem herdara o nome, o alicerce da família? Deveria chamá-la de Clarice?

Sentia uma confusão de sentimentos, um misto de impotência e admiração, uma vontade enorme de abraçar a avó e, ao mesmo tempo, de sair correndo daquele apartamento e acordar. Aquilo era sonho ou pesadelo?

Clarice — vamos chamá-la assim a partir de agora — bebia um chá. Pareceu ler os pensamentos da neta.

— Você me odeia? — disse, para quebrar o silêncio que pesava na sala.

— Odiar? Por quê? — Tita rebateu, espantada. — Cresci com as histórias da quinta, do avô Antonio, que morreu cedo e deixou a jovem esposa grávida com um filho pequeno para criar. Vó, você foi sempre meu modelo, minha inspiração, a mulher que construiu

um império do nada! Minha confidente, minha força! Quanta dor, sofrimento, você carregou até hoje, sozinha, sem dividir! Como te odiar?

Clarice segurou os ombros da neta e olhou fundo nos olhos dela.

— Fiz tudo por nossa família! Foi por Luiz Felipe, por sua mãe, por vocês, meus netos. Eu não podia falar... e, com o passar dos anos, nem eu mesma sabia mais quem eu era. Foi mais fácil suportar as perdas sendo Olívia, minha irmã que deu a vida por mim, que morreu para me salvar! Eu amava e admirava tanto Olívia. Penso nela todos os dias. — O desabafo saiu junto de um choro contido, reprimido pelos anos.

As duas se abraçaram. Sim, mesmo sem saber o que tinha acontecido, Tita amava demais aquela senhora que tinha aberto mão de si mesma.

— E Theodor? O que aconteceu depois do encontro naquele porão?

— Eu saí como uma louca, vibrando de felicidade, correndo pelas ruas do Bairro Alto. Sabia que, ao chegar em casa, encontraria Antonio e Olívia furiosos, mas pouco me importava. Eu queria contar para minha irmã que finalmente entendia o amor. O coração disparado, um tremor nas mãos, um calor que subia pelo pescoço e me fazia corar. Theodor foi o único homem que amei, e amo até hoje.

A neta olhava a avó perdida nas memórias. Agora entendia por que todos os dias, rigorosamente todos os dias, a avó escutava Schubert. Nunca ninguém soube explicar, nunca ninguém perguntou. O silêncio de Tita era o sinal para que Clarice continuasse.

— No dia seguinte, perto da hora do almoço, Theodor chegou à nossa casa, acompanhado por Antonio, que, a essa altura, já o tratava como um velho amigo. Pusemos mais um prato na mesa. Ele sentou-se ao meu lado. Nossas mãos se tocaram de leve. Eu senti que era correspondida.

Tita sorvia o café sem interromper a avó. Quantas vezes ela devia ter repetido para si mesma aquele encontro? Sentiu crescer um

orgulho da avó. Aquele era o avô que ela jamais iria conhecer, a não ser pelos relatos de uma memória desgastada pelo tempo. Theodor Zuskindler, de nome artístico Theodor Zus, nascido em Leipzig, em 1903, judeu — terceiro filho de pais poloneses — que costumava dizer que sua religião era a música.

Zus, como era chamado, fora amigo de Kurt Weil, e também conhecera Bertolt Brecht, o que tornava aquele relato ainda mais fascinante.

Weil e Zus haviam sido companheiros no conservatório de Berlim. Ambos vinham de casas muito rígidas — Weil era filho de um cantor de sinagoga, e Zus, de um rabino.

Caíram na Berlim dos anos 1920, no período entre as duas guerras. Dois jovens compositores eruditos numa cidade que fervia de novidades, com toda a influência da cultura americana, o *jazz*, as *big bands*, o *swing*. Era uma metrópole onde viviam nacionalistas, comunistas, democratas, expressionistas, românticos. Uma cidade sem censura, um convite à vida noturna, aos cabarés.

Com a ascensão de Hitler, em 1933, a Alemanha viveu um retrocesso. A música popular foi banida, virou sinônimo de música degenerada, assim como as canções compostas e interpretadas por judeus. As músicas folclóricas, as marchas militares, tudo que ressaltasse a ideologia nazista passou a dominar as rádios.

Dois anos depois, Kurt Weil partiu para os Estados Unidos e Theodor Zus saiu sem destino pela Europa. Duas semanas em Paris, em seguida cruzou a Espanha, e finalmente chegou a Lisboa — o mais longe que ele podia estar do Reich.

Com menos de seis meses na capital portuguesa, Theodor ganhava a vida na noite tocando canções populares, enquanto de dia estudava os clássicos, que nunca deixou de adorar. Na cidade dos fados, tornou-se o rei do cabaré. Morava no Bairro Alto, duas casas abaixo da taverna onde Clarice o encontrou naquela tarde de fim de inverno.

Há muito Theodor largara a família em Leipzig, era um cidadão do mundo. Não era religioso, mas costumava dizer que o ju-

daísmo não era religião, era essência. Mesmo que não quisesse, seria sempre um judeu. A vida se encarregava de lembrar-lhe. Deixara a Alemanha para fugir da perseguição antisemita que acompanhava a ascensão do Führer. Em Portugal, não havia perseguição como na Alemanha e no Leste europeu; em compensação, o nacionalismo de Salazar o aproximava dos germânicos e, como era natural à maioria dos artistas da época, Theodor tinha uma queda pelo comunismo. Isso o tornava uma presa para a polícia política e os delatores de plantão.

Quando conheceu Clarice, e isso ela veio a saber logo depois, Theodor já era vigiado pelos agentes da ditadura.

A avó narrava o passado com uma riqueza de detalhes que afastava qualquer possibilidade de aquilo não ter acontecido.

— Tivemos a mais bela história de amor! Eu vivia suspirando pelos cantos, esperando a chegada de Theodor, geralmente próxima da hora do almoço. Fazíamos longas caminhadas, íamos à matinê e, vez por outra, passávamos numa confeitaria chique de Lisboa, onde tomávamos um sorvete.

A avó falava com os olhos perdidos, num momento só dela. Tita não deixava escapar uma palavra.

— Até que um dia Theodor não apareceu, e foi assim por uma semana. Antonio e Olívia já o tinham como da família, e meu cunhado, então, foi até a taverna para saber o que havia acontecido. Lá, foi avisado que Theodor estava doente e ficaria afastado não se sabia por quanto tempo. Também tinha mudado de endereço. Fiquei desesperada. Acordava e dormia chorando. Não podia acreditar naquele abandono. Nós nos amávamos tanto — Clarice falou com a voz carregada de tristeza.

À medida que a avó narrava, cresciam a ansiedade e a curiosidade de Tita. Ela já antevia a tragédia, pelo menos em relação ao avô judeu. Mas e quanto à verdadeira Olívia e ao menino, que era seu tio? Como estariam eles envolvidos nisso tudo? Não queria apressar Clarice. Afinal, aquela história estava aprisionada havia seis décadas.

— Como você o encontrou novamente? — Tita perguntou, afoita. A avó bebeu um gole grande de chá e prosseguiu, sem pressa.

— Uma noite, Theodor apareceu lá em casa. Estava abatido, cabisbaixo. Tivera de abandonar o cabaré e vivia na casa de um e de outro amigo, sem pouso fixo. Havia pensado várias vezes em me procurar, mas ficara com medo de que nós, principalmente Antonio, caíssemos na rede da polícia de Salazar. Estava ali para se despedir.

Lisboa, 1936

A chuva caía forte, mas não o suficiente para diminuir o calor daquele dia abafado de maio. Em pouco mais de um mês chegaria o verão. Para Clarice, que tanto adorava o sol, seria o começo de um tempo nebuloso.

As irmãs liam na varanda, alheias ao que se passava na rua, quando Theodor surgiu sorrateiro, escondido numa capa de chuva, com a gola levantada e um chapéu enterrado na cabeça. Andava curvo e apressado, o olhar baixo e atento virava para um lado e para o outro, sempre vigilante. Deu uma larga olhada para trás antes de abrir o portão da casa e entrar rapidamente.

— Clarice, meu amor! — Foi o suficiente para as duas pularem das cadeiras.

— Theodor, o que houve? Estávamos tão preocupadas. Vamos entrar, tira essa capa, corres o risco de ter uma pneumonia — Clarice falou, enquanto o puxava pela mão.

— Vou pegar uma toalha, uma camisa de Antonio e preparar um chá quente! — Olívia disse, entrando correndo na casa e levando a capa e o chapéu encharcados.

Theodor e Clarice entraram logo atrás. Um longo beijo seguiu-se aos segundos de silêncio em que se prenderam nos olhos um do outro. Era um olhar de despedida.

— Perdoa-me a falta de notícias — ele implorou, enquanto acariciava o rosto de Clarice. — Não quis colocar-vos em perigo. Há semanas que não tenho paz, vivo assustado! A princípio, achei que estava com alguma doença, sentia-me perseguido, como na Alemanha. Sentia olhares atrás de mim, em todos os lugares. Quando me virava, não havia ninguém. Até que, numa madrugada, aproveitei um intervalo e deixei a taverna por uma pequena porta nos fundos e contornei a rua. Vi que não era imaginação. Eles estavam lá, próximos à esquina. Um carro preto, com um sujeito ao volante, e outro, encostado no capô, vigiando o movimento de entrada e saída. Chapéu escuro, um cigarro pendurado na boca, os braços cruzados. Voltei para a taverna e continuei a tocar. Quando saí, de madrugada, o carro continuava no mesmo lugar, com os dois sujeitos dentro. Entrei em casa, fiquei à espreita até o amanhecer. Continuaram lá. Saí por volta das dez da manhã, como de hábito, e foi quando o carro veio atrás de mim. Andei por duas horas sem rumo, parei num café, numa livraria, numa loja de instrumentos musicais. Na mesma noite, avisei na taverna que teria de me ausentar por motivo de saúde. Depois da apresentação, voltei para casa, separei alguns pertences para o caso de invadirem o quarto, para não o encontrarem desabitado, o que me daria mais tempo. Não falei com meu senhorio, pois levantaria suspeitas. De qualquer forma, o mês estava pago. Saí furtivamente na madrugada, para não mais voltar, e assim tem sido minha vida nos últimos dias, dormindo aqui e ali, de favor em casa dos companheiros. — Theodor falou sem parar até que Olívia chegou com o chá.

A esta altura, ele já havia colocado a camisa seca e tirado os sapatos, expondo os pés brancos como marfim. Clarice escutava boquiaberta, sem entender o porquê daquela perseguição. Como um pianista de cabaré, exímio músico clássico, poderia oferecer algum perigo?

— Theodor, eu não entendo, o que fizeste para ser perseguido? Tu és um artista! — ela disse, enquanto ele tomava um gole grande.